

# Ilustração Portuguesa





# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.  
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre—9\$50 Ano 19\$00.  
ESTRANGEIRO: semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

NUMERO AVULSO, 30 cts.

Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43—Lisboa

## Sapataria JANUARIO

Calçado de luxo em todos os generos  
pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.<sup>ta</sup> Justa, 80

## SEMORI

É o melhor desinfectante  
para a "toilette" intima  
das senhoras. Vendem:  
A D. Marques, Limitada  
— Rua do Ouro, 200 —



## Corôas

Onde ha o mais chico  
sortido e que mais ba-  
rato vende, por ter  
fabrica propria, e na

**Camelia Branca**  
L.<sup>o</sup> D'ABEGOARIA, 30  
(ao Chiado) - Tel. 327

## Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

## O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-  
mante e fisionomista da Europa

## Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro,  
com veracidade e rapidez; é incomparavel em  
vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias,  
quimicas, cronologia e fiziologia e pelas  
applicações praticas das teorias de Gall, Lavan-  
ter, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, ma-  
dame Brouillard tem percorrido as principais  
cidades da Europa e America, onde foi admira-  
da pelos numerosos clientes da mais alta ca-  
tegoria, a quem predisse a queda do imperio e  
todos os acontecimentos que se lhe seguiram.  
Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano  
e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da ma-  
nhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lis-  
boa. Consultas a 500, 1000 e 1500.



nhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lis-  
boa. Consultas a 500, 1000 e 1500.

## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no  
passado e presente e  
prediz o futuro.

**Garantia a todos os  
meus clientes**: com-  
pleta veracidade na  
consulta ou reembolso  
do dinheiro.

Com ultas todos os  
dias uteis das 12 as 22  
horas e por correspon-  
dencia. Enviar 50 cen-  
tavos para resposta.

**Calçada da Patriar-  
cal, n.º 2, 1.ª, Esq.** (Cin-  
co da rua d'Alegria,  
predio esquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SECULO"

Preço: 20 centavos

O melhor reconstituinte para  
adultos e creanças é a

## Calcina Triplíce

Os lymphaticos devem  
preferir a **Calcina**  
com Iodo; os anemi-  
cos, a **Calcina com**  
**Ferro**; os astheniados,  
a **Calcina com ar-  
rhenol.**

## Cartomante

GRANDE fenomeno tudo consegue rapido  
reembolso em caso contrario. Dá mil es-  
cudos a quem provar haver pessoa de  
mais poder. Tem ganho medalhas em todo  
o mundo. Trata de todo o mal de inveja e  
vende talismans para sorte. Enviar 2\$500  
para resposta a V. Sorel, calçada de Santa  
Ana, n.º 4, 1.ª, das 10 as 6.

## Plissados

Executam-se pelo systema  
de Paris na

RUA DO AMPARO, 66, 3.º, E.

## Sonambulo-Espirita

Como poderemos ser  
felizes?

E' consultando o Sonambulo-Espirita  
chegado ha pouco do Brazil, o uni-  
co por meio do somno espirital co-  
segundo descobertas de toda a qualidade  
assim como conseguiu a felicidade q  
cada um precisa, fazendo magnific  
curas por meio de tratamento p  
sugestão.

R. ALEXANDRE HERCULANO, 39-1.º,



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 802

Lisboa, 2 de Julho de 1921

30 Centavos



MISS TALLULAH BANKHEAD

Actriz americana proclamada uma das sumidades e das belesas da scena dos Estados Unidos, onde é popularissima

CAPA: — MISS JUSTINE JOHNSTONE, uma conhecida e admirada estrela do «film», vencedora de varios concursos de belesa na America do Norte.

1681



# Cronica da Semana

**A**CABA Portugal de perder um grande amigo. Paulo Barreto, o *João do Rio* das letras brasileiras, e, por consequencia, portuguesas, morreu inesperadamente, quando parecia ainda cheio de actividade e com longo tempo para gosar a vida e para a dedicar ao amôr dos dois povos irmãos. O seu funeral no Rio de Janeiro teve uma grandesa excepcional: nêle se incorporaram muitos milhares de brasileiros e toda a colonia portugêsa, unidos na mesma dôr e igual desejo de prestar a ultima homenagem a quem tanto deviam. Irmanados na mesma comoção, brasileiros e portugêses olharam-se naquele ato supremo, com os olhos velados de lagrimas, no sofrimento comum dos membros duma familia que perde um parente muito proximo e muito querido, e assim, até no ultimo instante da sua passagem pela terra, *João do Rio* revigoreou o carinho para que tão incessante e affectuosamente tinha trabalhado.

Nunca o esquecerão portugêses e brasileiros e honrarão sempre a sua memoria do modo que mais agradaria áquele grande espirito: estimando-se mutuamente.

**B**ARATEIAM OS generos, mas estamos ainda muito longe da normalidade, se como tal considerarmos a justa proporção que deve haver entre as nossas despesas e as nossas receitas: os varios exemplares da rapina humana defendem-se como feras, que são, e é só depois de procurarem dilacerar a vitima, que recuam um pouco e se resolvem a transigir com o novo estado de coisas.

O infeliz que tenha de entrar nos antros onde eles se acoram, arrisca-se a ficar sem a pele; precise alguém, nesta hora, de fazenda para um fato, dum movel, dum medicamento, seja do que fôr, que não encontre noutra parte, paga ao vendedor com os lucros calculados para os tempos da especulação, somados com as perdas que este já antevê.

Impõe-se a abstenção do consumidor, mesmo á custa de sacrificios. *Hay que compri-*

*mirse* uma pessoa, como se diz na zarzuela, até que as feras abrandem definitivamente ou definitivamente rebentem — no que não nos dariam um desgosto por aí além.

**A** visita, ás aguas do Tejo, do *Trinacria*, foi sem duvida um dos acontecimentos sensacioais da semana. Não nos admiraria se um país pratico armasse um dos seus barcos em mostruario industrial e comercial e o mandasse correr mundo; mas proceder assim um país latino, da nossa raça contemplativa e idealista, eis o que nos assombra tanto como se soubessemos que um barco norte-americano, por exemplo, navegava com um carregamento de poetas...

Poderemos um dia seguir o exemplo da Italia? Talvez, mas tarde; por enquanto, para atrair estrangeiros, apenas apregoamos a beleza do nosso ceu e do nosso sol e isso não é mercadoria que se exporte, por motivos obvios.

**D**ELFIM Guimarães, que só por largos intervalos se faz lembrado, dedicou «Aos soldados sem nome» uma formosa poesia, que só agora nos chegou á mão e que é bem a obra do delicado poeta da «Alma portugêsa»; Fernando de Castro dá-nos cem bons sonetos, sob o titulo «Noivado pobre»; Nuno Catarino Cardoso publicou mais um volume da sua Antologia Portugêsa, «Cancioneiro popular portugês e brasileiro», colecção particularmente recomendavel, pelas variantes da mesma quadra nos dois países irmãos na lingua e pelo abundante material que encerra, poderoso auxiliar para estudos filosoficos e tilologicos.

E dada esta simples noticia, resta-nos dizer que o livro de Carlos Leal, «No palco e na rua», já entrou no mercado com o 2.º milhar, segundo o autor nos informa, extranhando ao mesmo tempo o nosso silencio, depois da imprensa do Porto e do Brasil dêle se ter occupado muito lisongeiramente, como se fazia mister.



Acacio de Paiva





# COMO EU NO

# ME ESTREI TEATRO



ITALIANA de nascimento, pois vim ao mundo na poetica cidade de Torino, aos 26 de Agosto de 1895, eu posso considerar-me portuguesa, porque a Portugal tenho dedicado o melhor da minha mocidade.

Minha mãe —artista do Teatro de S. Carlos— de muito pequenina me trouxe comsigo para este país hospitaleiro, onde plantei a arvore das minhas gratas illusões.

Ha quanto tempo que isso vae!

Eis a minha primeira recordação: Em S. Carlos havia ruidosa festa a que se dignaram assistir a familia real, ministerio e todo o mundo elegante. Tinha eu 11 anos, se bem me lembro.

Minha mãe, em dado momento, chamou-me ao seu camarim e fez-me vestir um fato á maruja, afim de que eu entrasse num baile, em que estavam perto de 200 figuras. Com aquella inconsciencia que os 11 anos costumam ter, eu apareci no palco, mirando toda ufana o meu *travesti* que, em boa hora o diga, achava interessante.

Dansei, dansei, dansei, perante essa plateia selecta que, sempre afeiçoada ás creanças, tão indulgentemente me acolhera e, quando, depois de ter rodopiado nêsse bailado fulvo, garrido, saltitante, caí de joelho em terra, em posição final, face voltada para o camarote real, uma estrondosa salva de palmas premiou o meu atrevimento. Entusiasmada, arranquei o «bonet» que me levou agarrada a cabeleira masculina, que completava o meu disfarce, soltando-se-me sobre as costas a minha cabeleira natural. Produziu-se, então, em mim, uma comoção profunda, violenta, que eu propria

não saberia explicar, nessa altura, se m'o perguntassem. E, assim, abstracta, em dolorosa meditação, arrependida da minha leviandade pueril, como se tivesse cometido um crime, passei dias inieiros a recordar a minha aventura. Era o prenuncio:

Passados quatro anos parti para Buenos Ayres, onde, no Teatro Nacional, me estreei na peça *El pello*, fazendo em hespanhol o papel de profa-

gonista. Felizmente tive bom acolhimento e poderia ter seguido por esse caminho, se o ceu azul português, tão semelhante ao ceu da minha Ita'ia, não me evocasse saudades profundas e imarcessiveis. Tinha a nostalgia de Portugal que eu considerava já a minha patria, em que eu, em quadra bem mais risonha, plantára a arvore das minhas illusões mais queridas.

Sete anos levei de evocações, até que em 1917, de regresso a Portugal, subi ao palco do Teatro Avenida fazendo a minha estreia com a *Princesa Magalona*.

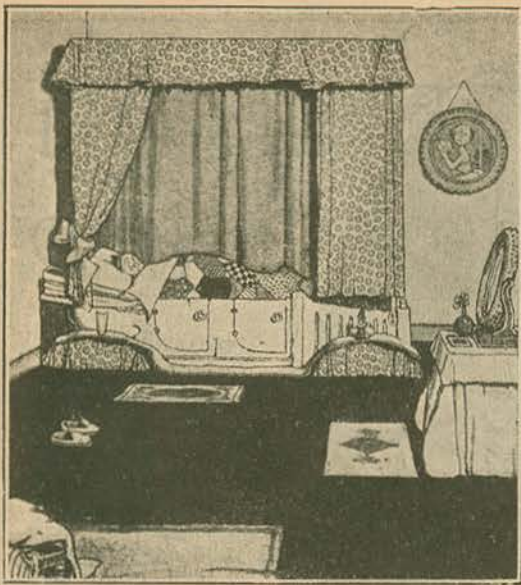
Citei, propositadamente, tres pontos flagrantes da minha vida artistica, por não saber qual delas deverá ser considerada o meu debute.

O que posso garantir é que a noite em que entrei na *Princesa Magalona*, ao cabo de sete anos de ausencia, foi a mais prodiga de comoção fortes para o meu temperamento nervoso, romantico e evocador.

E' que, apesar do palco me ser já familiar, eu ia ser sujeita a uma rude prova deante de julgadores que tinham andado comigo ao colo, nos tempos doirados da minha meninice... E por isso, posso dizer que foi essa a minha estreia definitiva.

por  
LUIZA CATANEIA





O QUE SE PODE FAZER DE UM VELHO AUTOMÓVEL  
 Um confortável leito. Uma banheira utilíssima.  
 (The Bystander de Londres).

## ALGUMAS UTEIS E GRACIOSAS INVENÇÕES

**A**LGUMAS das mais uteis e graciosas invenções são as que damos hoje aos nossos leitores. Sabemos perfeitamente que quem as inventou não inventou a pólvora. Sabemos também que, se o não fez, foi porque a pólvora já estava inventada. A invenção da pólvora foi um caso fortuito, um caso por acaso. Estas, as invenções que damos hoje, são um caso pensado, um caso em que o acaso não entra para nada. O que se pode fazer de um velho automóvel? E logo o caricaturista diz que — um confortável leito ou uma utilíssima banheira. Para melhor nos convencer desenhou os respectivos moradores do leito e da banheira, isto é, a cama e o banho em exercício. E nós verificamos que sim, que efectivamente podia ser. Dava uma cama ou uma banheira o automóvel velho, não é verdade? A invenção que

se segue é uma máquina de rapidamente encafiar nos «wagons» do Metro, e quem diz nesses diz em todos os outros «wagons», os passageiros sonolentos que não tem em conta, nem pesam nem medem, a pressa dos outros e o ganho da companhia. É fácil a coisa, o verdadeiro ovo de Colombo e até nos parece impossível como ninguém ainda se lembrasse de tal. Colocam-se os passageiros em fila diante da máquina. A certa altura, desta sae um braço que os empurra a

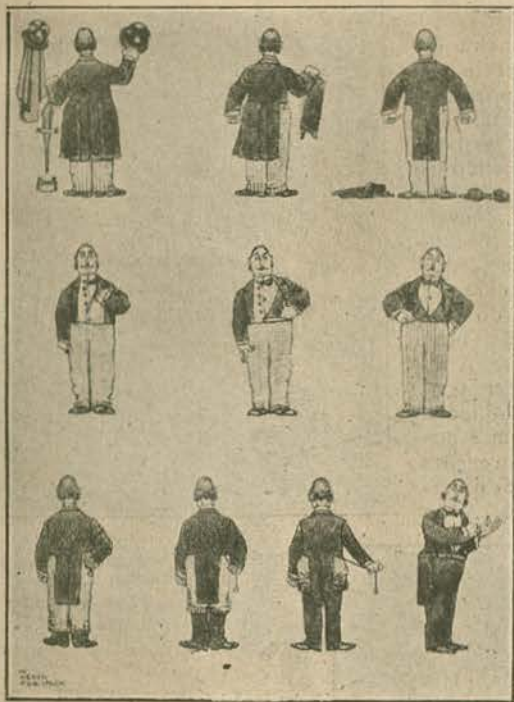
todos até eles ficarem muito esticadinhos, muito espalmados, como em algumas plataformas dos nossos electricos costumam andar os indigenas da nossa Lisboa. É um sistema perfeito, que devia dar ótimos resultados. Não se tem posto em execução porque em toda a parte ha creaturas rotineiras, descaçavelmente inimigas do progresso.



Máquina ideal para comprimir passageiros dentro das carruagens  
 (Caric. de Bernard em The Bystander)

Não vai o tempo para gastos superfluos e por isso um notavel

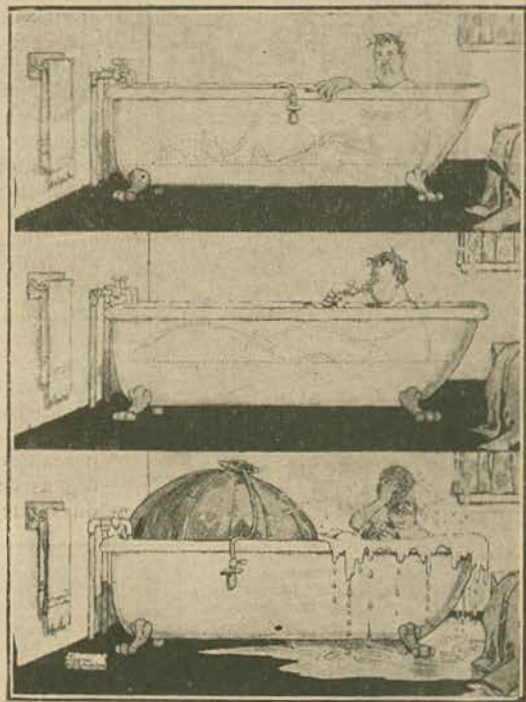




Como nestes tempos de fatos caros se consegue reunir o util ao agradável. Uma transformação rápida.

(The Bystander)

ratão e ao mesmo tempo notável caricaturista inglês inventou o sistema de se ir á sociedade sem massada nem perder muito tempo. Tiram-se as abas da sobre-casaca e fica-se de casaca. Puxam-se as calças de fantasia como quem puxa um «store» e fica-se de calças de lista. Tiram-se as luvas brancas da algibeira e fica-se um «dandy». E que mais ha de ser?



Como se pode tomar banho com pouca agua

(The Bystander)

Grande invento, sim senhores.

O quebra-noses qualquer o pode usar em casa. Prende uma corda, calibre é melhor, ao tétó. Arma um baileu e põe em cima d'este umas vinte arrobas em pesos de bacalhoeiro. Põe as noses que é preciso partir e deixa-lhes cair em cima os 300 quilos. Não ha memoria de nós que tenha oferecido resisten-



O aproveitamento da artilheria pesada alemã. Antigos howitzers utilizados como cadeiras de dentista.

(The Punch)

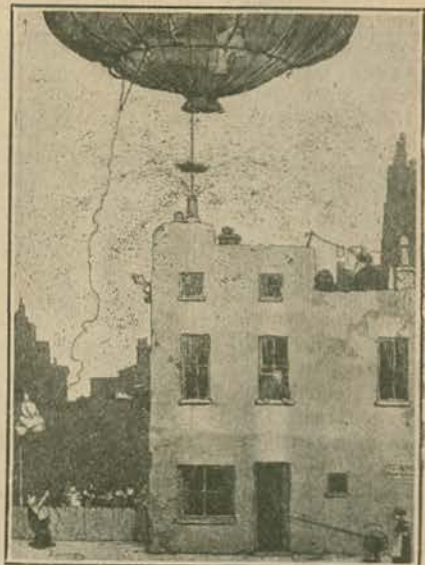
O tomar banho com pouca agua é engenhoso como se vê... e pratico. Querendo, pode-se substituir-se o assopro bucal pelo assopro «mecanico», porque se não pode dizer maquinal. Uma dessas maquinas diabolicas, a que com frequencia nós vemos agarrados os ciclistas e os automobilistas, dará o resultado. E' um sudouro e depois um banho com um bochecho d'agua.

A cadeira de dentista é pelo menos solida. O paciente poderá escabujar que ela não se ralará mesmo nada. Depois é vistosa, grande como uma maquina de impressão e comoda.



Duas invenções úteis. O novo quebra-noses e a cadeira de comer espargos

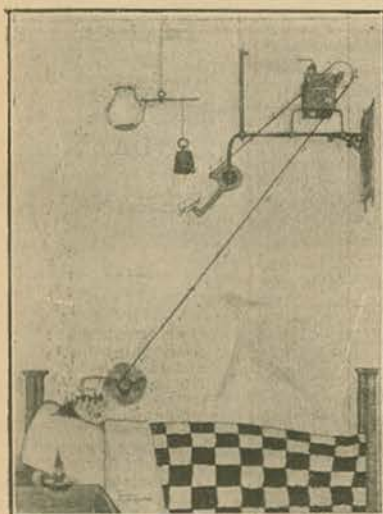
(De The Strand Magazine)



A nova maquina de limpar chaminés

(The Bystander)





A ordem é... não rressonar. Cura de agua para quem rressona. Diagrama mostrando o funcionamento da maquina terapeutica (De Robinson)

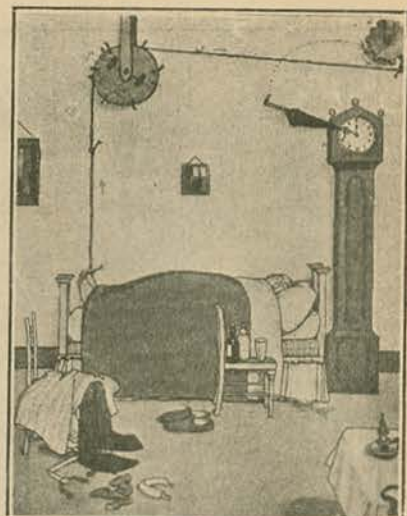
aparelho para avisar da postura das galinhas que, como o leitor vê, é tudo quanto ha de mais simples. Um estrado onde só cabe a galinha. Uma colher onde caê o ovo. O peso do ovo desloca a colher que toca uma campainha. Esta desprende um peso que caíndo sobre um fole toca duas sirenes potentissimas e varias businas e chocalhos. Se ninguem ouvir é porque, definitivamente, só ha surdos. A do despertador pratico é otima como se vê. A nossa gravura mostra bem o seu funcionamento, dispensandonos por isso de, pormenorissadamente, o explicarmos.

E aqui teem os leitores uma mão cheia de invenções

cia. A cadeira de comer espargos é tambem original.

Quanto á nova maneira de limpar-chaminés é tambem um habil processo de aproveitar velhos aerostatos. Dá resultado, segundo nos afirmam, se bem que não tenhamos assistido ás experiencias.

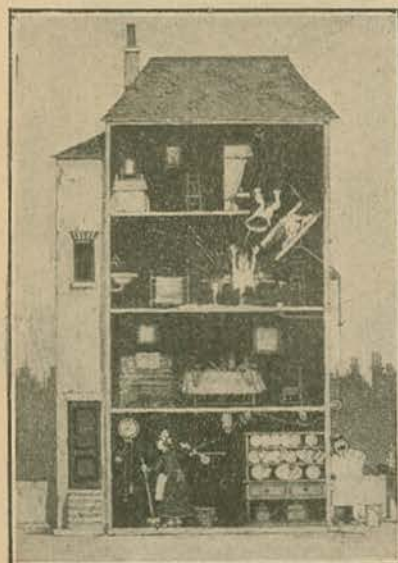
Outras invenções ha, proveitosissimas, ainda que nenhuma tenha feito a fortuna dos seus autores. A da cura do rressono pela agua e a do despertador economico são boas sim, mas pouco usadas. A do novo metodo de pescar tambem parece não ter obtido a simpatia dos peixes nem a dos pescadores. Agora invenções dignas de premio são as outras duas que apresentamos. A do



Despertador economico... e pratico (The Bystander)



capazes de inventar na cabeça de um tinhoso. Lembra-se o leitor do incendio da Madalena? Pois appareceram logo desenas de inventores com desenas de aparelhos de salvação. Ha um naufragio? Não faltam boias, coletes, vestes insubmergiveis, o diabo. O portuguez, então, é inventor por excellencia. Fomos nós que inventámos o navio, os balões e muitas coisas mais. Temos inventado muito e ninguem nos diga que não inventaremos mais. Inventaremos até á morte, mas o que não inventaremos nunca é a maquina de avisar quando as galinhas põem ovo, nem o processo original de partir noses.



Quando põe a galinha o ovo? Um aparelho que vos informará da realisação do facto

(The Bystander)

Despertador pratico (The Strand Magazine)

Invenção para pescar (Do London Optinton)

curiosas e uteis, que fazem o encanto dos seus autores. Podem ser adaptadas a todas as casas e se o leitor as utilizar crêmos que está no seu plenissimo direito, porque as invenções depois de inventadas são, como o sol quando nasce... para todos. E iremos dando conta de outras que porventura apareçam.

Ha sempre por esses mundos de Cristo gentes propensas á invenção, gentes





ULTIMOS  
ÉCOS  
DA  
SEMANA

O sr. presidente da Republica no seu regresso do Norte. No primeiro plano, do lado esquerdo, o presidente do ministerio, sr. Tomé de Barros Queiroz., 1.



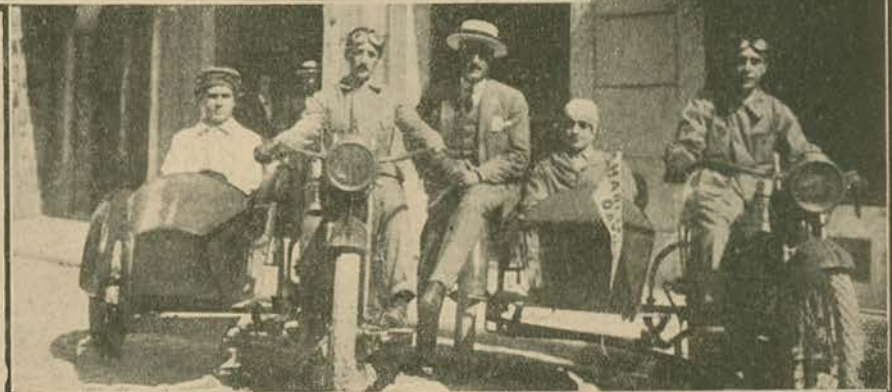
Um sensacional desafio de "foot-hall"



Realisou-se no Barreiro entre um grupo formado por casados e outro por solteiros. Em cima, o grupo dos casados, que foi o vencedor. No 1.º plano: os srs. Artur Lesl, A. Marinho e A. Domingues. No 2.º plano: Mario Varandas, A. Moraes e Firmino. 3.º plano: (juiz de campo) Capitão Loureiro, V. Martins, r. Ix Ferreira, J. Lindim, Albino Lapa, A. Moraes e A. Figueiras. Do

grupo dos solteiros faziam parte os srs. r. Pantoja, J. de Brito, J. do Carmo, no 1.º plano; O. Pereira, A. Gomes, R. Calhamar, no 2.º plano; (juiz de campo) Capitão Loureiro, V. Almeida, F. Cerqueira, B. Capela, A. Freza, J. Niza e L. Ribeiro, no 3.º plano. (Cliché Rezende, Barreiro).

Os «sportsman» Cristiano Cunha, João Antunes Carvalho, Manoel Gonçalves Gairão e Luiz Clington Lobo, que fizeram em moto uma excursão de Lisboa á Serra da Estrela. Ao centro o sr. Ernesto Magno. (Cliché Joaquim de Carvalho).







A ARTE,  
A LITE-  
RATURA,  
A POESIA

A MULHER  
PORTUGUESA



O TEATRO  
E A SOCIE-  
DADE  
ELEGANTE

NA BELESA  
E NA ARTE



D. MARIA DO CEU LEITÃO

*Uma das senhoras da nossa melhor sociedade*

*(Cliché Brasil).*

D. MARIA FERNANDA DE CASTRO  
E QUADROS

*Jornalista, escritora e poetisa brilhantissima*

*(Cliché Brasil).*



D. MARIA MADALENA MARTEL PATRICIO

*a escritora ilustrada Sombras na estrada*

D. VIRGINIA VIORINO

*a poetisa dos Namorados de que vai sair a 3.ª edição. (Foto. Palace)*



D. AMELIA REY COLAÇO

*Interessante artista*

*(Cliché Brasil).*

D. HELENA ROQUE GAMEIRO

*pintora bem conhecida e senhora da nossa sociedade elegante*



# MORTOS ILUSTRES

## Paulo Barreto

(JOÃO DO RIO)



Último retrato  
de João do Rio

**J**OÃO DO RIO, pseudônimo literário de Paulo Barreto, acaba de falecer, vitimado por uma congestão. Perderam os portugueses um grande amigo e

perderam as letras um dos seus requintados artistas. Como amigo dos portugueses tinha João do Rio dado indiscutíveis provas do seu amor pela nossa terra; como escritor devemos lembrar-nos de que ele era o autor do *Momento literário*, *Al-*

*ma encantadora das ruas*, *Dentro da noite*, *Religiões no Rio*, *Os dias passam...*, *Cronicas e frases de Godofredo de Alencar*, *No tempo de Wenceslau*, *Fados e canções de Portugal*, *Avante*, *Cinematografo* e *Correspondencia de uma estação de cura*, além das peças *Eva* e a *Bela Madame Vargas* e das traduções de Oscar Wilde. Jornalista prestigioso, literato magnifico, academico notavel, João do Rio foi em tudo grande. A sua perda enche de luto as letras brasileiras e de saudade a alma portuguesa.



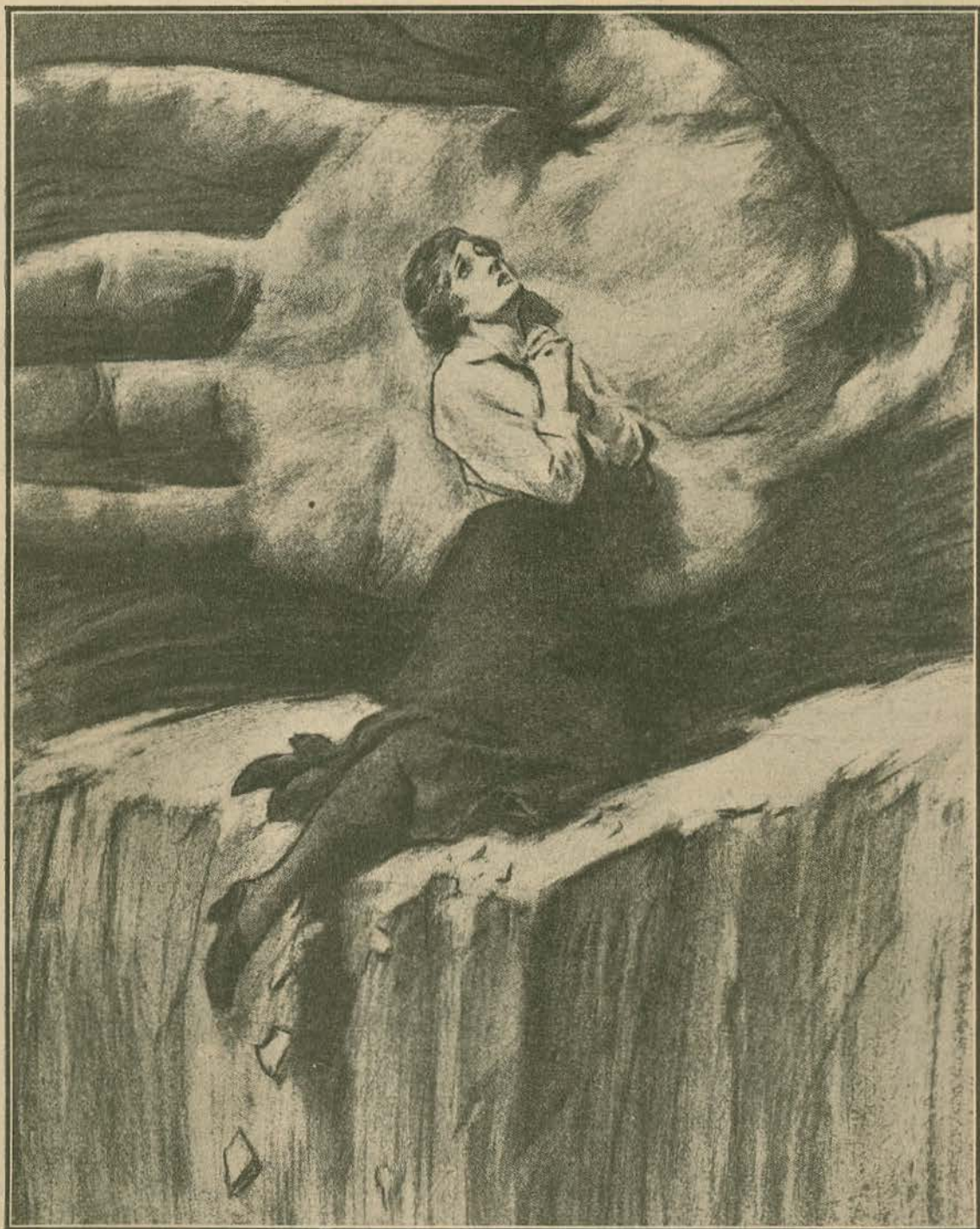
João do Rio, na primeira vez que visitou Portugal

## A PRINCEZA NEVADA DE BRAGANÇA



Nevada de Bragança, a viúva do nosso popularíssimo Infante D. Afonso





FATALIDADE

A mão do Destino, mão masculina e impiedosa como a própria Fatalidade, empurra para o abismo a sua vítima. O que não sugere, o que não evoca esta pagina simples, que o genio de um grande artista americano soube visionar para despertar o nosso sentimento! E' grande e é profunda na sua simplicidade tragica...



Na estação calmosa.—A vida da praia. Entre nós



1. Uma interessante banhista posando antes de entrar no banho.—2. O esbanto com que as banhistas de 1830 encontrariam na praia as de 1920.—3. Um bizarro costume de banho. Bom para a vista, mas pouco pratico para a natação.  
4. Uma interessante atriz inglesa do Gaiety Theatre guiando uma cama-automovel.

5.—«Elvo r'baldeixo...» H'glénico exercicio para antes do banho.—6. Uma linda banhista em posse por saber que é bonita...  
7.—Como um tronco de arvore, podendo servir para o mergulho, serve tambem para pose.



# FIGURAS & FACTOS

O ROSSIO—MUSICA—FESTAS DE ARTE—OS MORTOS DA SEMANA



A menina Maria Laura do Carmo Almeida que no Conservatorio deu provas da sua vocação artistica.

O Rossio—A Camara Municipal de Lisboa nem resolve a questão dos electricos, nem acaba as obras do Rossio, onde parece ter passado uma revolução ou um terramoto.



Dois aspectos da festa japonesa que se realizou no salão da Sociedade Nacional de Beias Artes.



O Conselhoeiro Ramada Curto e o sr. dr. Mario Wagner ultimamente falecidos em Lisboa.







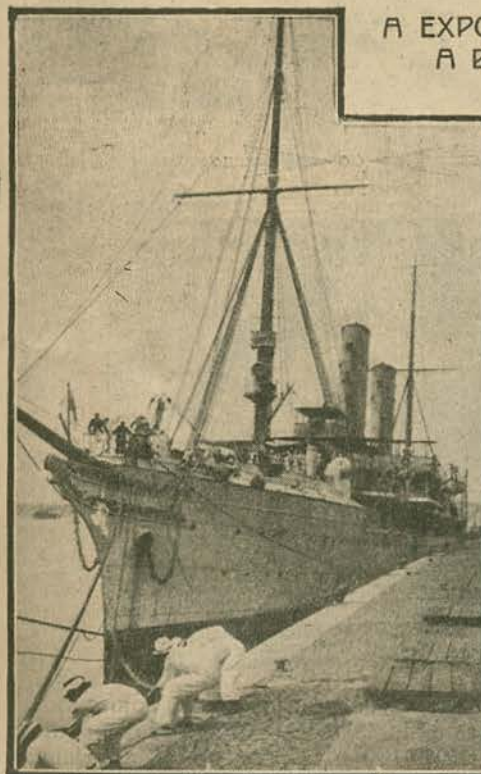
Aspecto da exposição no salão do Teatro Nacional



O pintor Lyster Franco

Entre os artistas algarvios, e que os ha de valor, quer nas letras, quer na pintura, Lyster Franco tem de ha muito o seu nome feito e é já agora sobejamente conhecido por todos a quem a arte interessa. Agora realizou uma exposição no Teatro Nacional, a qual tem sido, como não podia deixar de ser, coroada dos mais lisongeiros resultados. Crítica e publico, têm d'ela as melhores e mais bem merecidas impressões. Lyster Franco é, de resto, digno de todos os elogios, porque é um belo artista e um grande trabalhador.

A EXPOSIÇÃO ITALIANA NO TEJO,  
A BORDO DO "TRINACRIA"



O «Trinacria» atracado á muralha



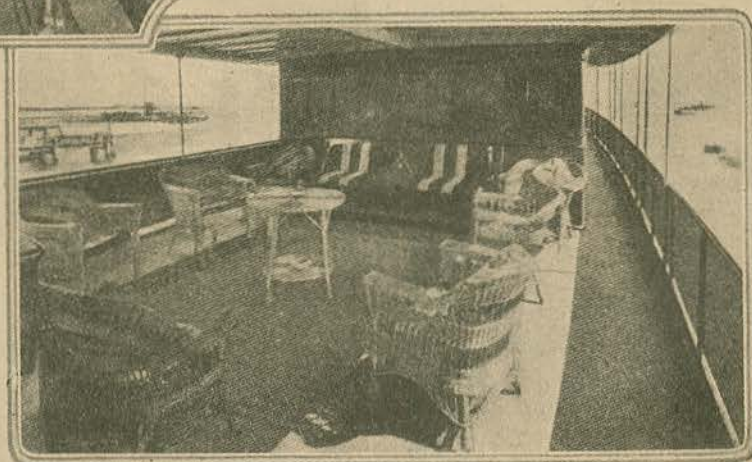
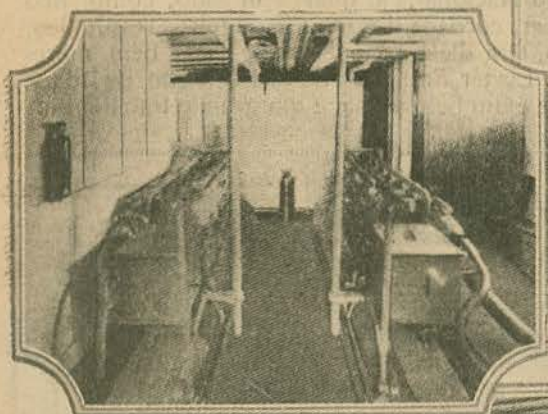
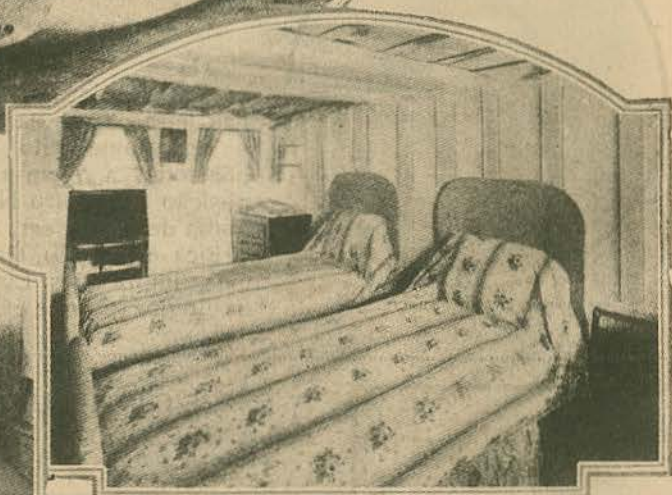
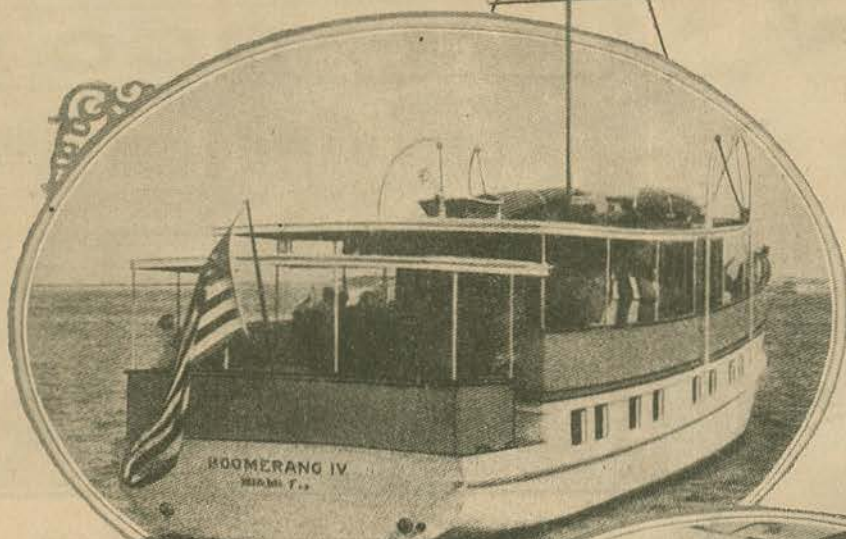
Um aspecto do convez do navio, em exposição



# BOOMERANG IV

Casa-flutuante de Miami

Uma inovação em motores de barcos-casas, recentemente lançada ao mar em Florida, apresentando muitas formas originais de conforto.



Boomerang IV, recentemente construído para Huston Wyeth, na Florida, é o que se chama um barco modelo. Tem 76 pés e dez polegadas de comprimento e 18 pés e 4 polegadas de largura e foi construído sob a inspeção do seu capitão. O risco das divisões e o arranjo interior obedeceu à originalidade do seu possuidor. Os camarotes do proprietário são artisticamente mobilados e as decorações são de uma tonalidade de cor, em harmonia com o mobiliário. Nos barcos desse tipo há amplo espaço para todas as instalações. Na casa das máquinas tem dois motores de gasolina Winton, de 6 cilindros e 140 h. p. por motor. Contém, igualmente, um aparelho completo de geradores elétricos para iluminação. O engenheiro tem ali o seu beliche.

Boomerang IV, recentemente construído para Huston Wyeth, na Florida, é o que se chama um barco modelo. Tem 76 pés e dez polegadas de comprimento e 18 pés e 4 polegadas de largura e foi construído sob a inspeção do seu capitão. O risco das divisões e o arranjo interior obedeceu à originalidade do seu possuidor. Os camarotes do proprietário são artisticamente mobilados e as decorações são de uma tonalidade de cor, em harmonia com o mobiliário. Nos barcos desse tipo há amplo espaço para todas as instalações. Na casa das máquinas tem dois motores de gasolina Winton, de 6 cilindros e 140 h. p. por motor. Contém, igualmente, um aparelho completo de geradores elétricos para iluminação. O engenheiro tem ali o seu beliche.



# O Seculo Comico

O SEculo



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DASILVA GRACA, Lina.

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

## ELEIÇÕES



- Todos votam... menos eu





## PALESTRA AMENA

Fevet opus

## Votem I

Estão as eleições á porta e nós, que não somos políticos, que desenfasiadamente damos aqui a nossa sovassinha quando calha a qualquer ministerio, seja de que partido for, somos hoje a dizer-vos que voteis. Sobram razões para vos aconselharmos neste sentido e não se reis tão faltos de entendimento que não as saibais, tão bem ou melhor do que nós.

Não votar é, primeiro do que tudo, perder o direito a queixar-se quando no Parlamento se fazem e dizem asneiras. Se não indicastes quem julgaveis competente, como podereis censurar os incompetentes? E porque não votastes? Por pragueira, por não vos incomodardes? N'esse caso mereceis a censura que merecem todos os que podem causar um mal que lhes era possível evitar. Porque julgais que não ha pessoas capazes de ocupar o logar de deputados ou de senadores? Mas quem sois vós, qual é o vosso orgulho, que assim julgais poder avaliar dos meritos de centos de pessoas, a maior parte das quais não conheceis?

Não votar, por quê? Pois dá-vos algum trabalho o chegardes á sala do escrutinio, quando por motivos insignificantes, para dardes um simples passeio, para irdes dar dois dedos de conversa a um amigo ou a uma namorada, para irdes muitas vezes praticar uma má acção costumal ir mais longe e peor caminho? E' a lista algum objecto pesado e incómodo, suja-vos mais as mãos do que as nojentas cedulas em que tocais a cada momento?

Não votais, porque julgais que um voto a mais ou a menos nada influe no resultado final? Mas isso é uma parvoice de marca, porque se todos possassem tão tolamente, se todos se abstivessem, o paiz não feria quem o representasse — ou antes, seria representado por quem os governos quizessem, por quem não lhes fiscalisasse os actos, visto que não se esqueceriam das chamadas «descargas» nos respectivos cadernos de recenseamento...

Sabeis o que uma vez aconteceu em Coimbra, por via da abstenção, da indifferença ou do desprezo dos eleitores pelo que era seu dever? Aconteceu que meia duzia de pandegos, sabendo perfeitamente que não haveria votação no deputado por aquele circulo, compareceram na igreja onde as eleições deviam effectnar-se e respondendo á chamada, votaram n'um alfafate com quem a rapaziada «chuchava», porque se julgava salvador da pátria e não o eram nem das batatas. Abertas as listas, aconteceu que o homem foi eleito por unanimidade — e tornou-se necessario que a autoridade fizesse batota, isto é, fingisse que muitos mais cidadãos tinham votado em individuo diferente, para se não dar o caso comico de Coimbra ser em S. Bento representada por um lunatico. Isto, já se sabe, era no tempo em

que caíria o Carmo e a Trindade se um lunatico fosse feito deputado...

O alfafate em questão fartou-se de dizer, e durante muitos anos o disse, que tinha sido roubado, e tinha carraças de razão. Roubado por quem? Por vós, abstencionistas, que não votando comesteis um roubo, sem dardes por tal e o peor é que é a vós proprios que roubais.

Votai no dia 10 — já que nós não votamos, porque não estamos para estopadas...

J. Neutral.

## As Ilhas adjacentes

Ha dias, o nosso chistoso colega «Diario do Governo» publicou um decreto reformando mais uma vez a instrução secundaria, pelo qual se vé que para a entrada nos liceus se exige um exame chamado de «admissões». Até aqui está muito bem.

Do que consta o dito exame tambem resa o decreto, ficando-se a saber que



as exigencias não são demasiadas, para os pequenos. O que tambem está muito bem.

E pede-se no exame de admissão «Corografia de Portugal Continental e das suas Colonias». Aqui é que está muito mal.

...E está muito mal porque esta supressão do estudo das ilhas adjacentes, conjugada com os boatos que tem corrido no Brasil de que as iam alienar, parece que dá razão aos boat-iros. Porque não fará caso o legislador, do arquipelago da Madeira e do dos Açores? Querem vér que nas altas regiões se ignora que existem essas ilhas?

Espera-se a resposta, para a enviarmos ao homem.

## Problema resolvido

N'um dos salões cá da casa o sr. major Antonio Palma realisou uma notavel conferencia, em que tratou do problema do inquinato e da possibilidade de se reduzirem as criadas de servir.

Não o pudémos ouvir, mas parece-nos que o sr. major Palma, n'este ultimo ponto, foi superfluo. Desde que as criadas pedem 20 escudos mensais, fóra o resto, é inutil procurar mais: o problema está resolvido. O numero d'elas tende para zero, que é um regalol

Vai o titulo em latim, para o leitor ver que não somos ignorantes de hontem nem de hoje. «Fevet opus», na presente occasião, isto é, em vespuras de eleições, quer dizer que se trabalha por esse país, fóra, que seria um louvar a Deus, se o sr. dr. Afonso Costa o não tem separado do Estado.

Trechos de correspondencias da provincia para o «Seculo Comico», que não publicamos na integra, pela costumada falta de espaço:

«Já temos prometido, se vingar a candidatura do sr. F. nada menos do que quatro estradas macdamisadas, tres fontes monumentais e um hospital...»

Outro:

«Chegaram hontem 32 engenheiros com um nivel e uma bandeira... O entusiasmo é indiscriminado...»

Outro:

«Finalmente vamos ter uns paços de Concelho, muito embora esta povoação não seja concelho. Tambem nos foi prometido um regimento, um liceu, um posto hipico...»

Outro:

«O candidato governamental falou hontem aos eleitores, no comicio organizado para esse fim. Prometou, em nome do governo, que durante 10 anos os povos d'esta freguezia e 15 legnas em redondo não pagariam contribuições algumas...»

Outro:

«O povo d'esta vila não oculta os seus sentimentos monarchicos, mas está resolvido a votar em massa no deputado proposto pelo partido republicano portuguez porque sua ex.ª fez a solene promessa de que a monarchia seria restaurada se o elegossem...»

## Mude de côres e de flores

Lá tivemos, no domingo passado, mais uma representação dos conservatorianos, com as inevitaveis «Rosas de todo o ano» e «Pierrot negro e Pierrot côr de rosa», do illustre director da Escola de Arte de Representar, o festejado escritor Julio Dantas.

Mas, são tantas as festas que lhe te-



nos feito, por aquelas duas peças e estamos tão fartinhos de rosas de todo ano e dos «pierrots» pretos e rosos que nos atrevemos a pedir ao autor que... mude de côres e de flores. Que diabo! A flora é grande e as côres são sete, fóra as secundarias.

Outra côr! Outra flor!





## TEATRADAS

## Carta do Jerolmo

Cempre alombrada Zefa

Lanso mais uma vez mão da penna cum penna de nan puder cer mais istenço porque tinha munto que te dezer mas cumo nan tanha nada que te dezer ponco te dezerei cenão que istimo có fazer di esta tu esteijas cá i sacureita ca minha é vóa nan desfazendo i vai ós pois vou dezerte istas duas mal rutadas regras para te dezer que lá finm ó triato nassiunal uma noite di estas pra ver uma pessa du mê amigo Lorenso que nan é de braga mas é de campo maior que é uma terra caidas é mais grande có campo grande i vai ós pois u dito Lorenso fez agora uma pessa xamada a «deirncada» que é uma grande porca copanhou u isponso na guerra i vai d'aim nan le quiz ficar atraz i apañou a pleumoneca mas cumo u marido nan le fazia bixinha gata in antes de ir prá fransa ella deule pra gustar de velhos pra riba de 70 anos, tadinha caquilo foi a pleumoneca que le cubiu á cabeça i n fez malocinha de toudo i vai ós pois catu cumo um patinho cum u velho que é o medeco que a tratou i que gustou munto dela porque nau á nada pra fazer furmosa uma mulher cum a é a freve i vai ós pois n isponso volta i ela cumesa cum u ramorço a ruerlo lá pur dentro i conta tudo a uma amiga que le diz tarde piastes i a conhada de ella que é mana du isponso tamem vem a çaber i u ma ido lá pró diante cumesa a isenffiar que é aquela coisa que nós çabemos (cumo o noço cumpadre Zé da Caneca cando foi pró brazil i a noça cumadre andou cá á gandaia cum a rapaziada) mas já se çabe é u ultimo a çabelo que tonda a gente já istá farta de çaber i farta de le oivir préguntar u que tará a mulher i farta de oivir dezer a touda a jente que nan çabo inté ca conhada diz que foi ella que caiu cum o medeco i u mano fica muito arrelimpado mas a mulher grita que nan quer u çacrefisso da conhada i que ella é que los pranton i vai ós pois ella sai pela porta du fundo i u ome fica parado na prassa i ós pois naturalmente vem us cabrostos i levamnu pró curral mas a jente nan açiste a ço porque a pessa acaba in antes du clarim tucar a reculher u boi i cum isto nau te infado mais i ouve xamadas ó lavrador do campo maior i ce foce in espanha davante a urelha mas cá dasele có 7 pur sento da receita du triato que é mémo un pio pur un olho i dá arrecumendasçis miubas a quem pur mim préguntar i bejos ós caxopos i çoidades ó noço bacro malhado cas minhas pra contigo có á vista frão fu deste teu marido á fasia da ingreja neja pello cevil inté cando deus quixer.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama  
de Peras Rulvas,

## EM FOCO

Outra vez a sr.<sup>a</sup> Tereza de Jesus

*Essa cabra e re-cabra dona Estrudes,  
Que foi patrão d'esta prove escrava,  
Não se alembra da fome que me dava,  
E diz que é mémo um poço de virtudes!*

*Lá porque eu e as colegas semos rudes  
Faz-se toda pimpona e toda brava,  
E porque me escompoz, mandando á fava.  
Julga que tem mais graça que o Bramudes!*

*Pois saibam que por baixo do vestido  
Traz roupa sem lavage ha quatro mezes,  
Que não passa de sopa e de cosido,*

*Que tive lá em crisa muntas fêzes  
Por còsa da soldada, e que o marido  
Só aos domingos é que lava os péses!*

TAREZA DE JASUS

(BELMIRO, copiou)



## Combate singular

Mannelistas e duartistas andam muito escamados uns com os outros e tanto que, se não fossem os sentimentos religiosos que os animam, a estas horas correria o sangue que tão precioso é para ser derramado por melhor causa. Consta-nos que suas adversarias magestades estão descontentíssimas com o desenlace da pendencia; religião sim,



dizem elles, mas tesura á parte, de modo que estão resolvidos a bater-se eles proprios, já que os seus subditos, se estão nas cintas para isso.

Do nosso Mannel já nós conhecemos a coragem; quanto ao Duartinho já ha uns poucos de dias que anda a brincar com soldados de chumbo e não cessa de dizer, a quem o quer ouvir, que «ha-de espeta o pimo».

Não ganha uma pessoa para sustos.

## O marquez de Pombal

Descobrin se agora que para edificar o monumento ao grande marquez, no lugar onde principiaram as obras, nas quais se gastaram já muitos contos, seria necessario gastar mais, só em alicerces—287 contos.

Ora, como aquilo não é a igreja de S. Mamede, que estava muito bem relacionada, não ha remedio senão fazer

se o monumento n'outro sitio, começando-se pelo principio e ficando sem efeito o que já se fez.

E lembrar-se uma pessoa que o homem caiu na asneira de reedificar Lisboa, como se a Providencia, para arrazá-la, não tivesse tido carradas de razã!

## Correspondencia

C. MOURAO—Tem, efectivamente, desculpa por ser o primeiro. Escreva muitos mais, rasgue-os, depois escreva mais, continue a rasga-los — e um dia apareça, mas d'aquí até lá não lhe dêa a cabeça, nem a nó.

## O teimoso

Nada: o sr. governador civil teve qualquer coisa — no bom sentido do termo — com a criada que o serve ou servia, para assim teimar no livrete. Aquilo foi esturro no refogado, terrina partida, comida mal feita, camisa queimada ao ser passada a ferro, ou precalço ainda maior.

Tambem não nos custa a acreditar—



ainda sem maldade — que se trate de amores mal correspondidos. A cachopinha não esteve pelos autos e a vingança estenden-se a toda a classe, á semelhança de Herodes, que para dar cabo d'um só menino decretou a degolação de todos os innocentes da Judeia.

E, a proposito, oxalá que não fique de futuro com a alcunha de Herodes das sopeiras. Sempre tinha uma rima mais feia!



# MONOMANIA



— Que fez aquele homem!

— Não quer andar. Endoideceu e tem a mania de que é carro eléctrico!